

# Uma carta

a propósito do dr. Simões Dias e de Fr. Feliciano de Jesus Maria

Lisboa, 24-III-44.

... Sr. director e meu caro amigo: — Motivos de natureza varia — a que nem a inapetente gripe nem o caxencho da velhice foram estranhos — puseram embargo durante mezes aos meus curtos mas deliciosos passeios pelos velhos documentos e arquivos. Daqui, tambem a impossibilidade em que me encontrei de conversar com o meu leitor paciente e benevolo, através desta sempre acolhedora *Comarca*.

Isto não quer dizer, é claro, que não haja acompanhado, de alma e coração, o movimento em que este bi-semanário se empenhou ultimamente, tanto em prol do hospital da benemerita *Comadessa das Ganas*, como para levar a effecto a justissima homenagem prestada à memoria do dr. Simões Dias, poeta, escritor infatigável e grande homem de bem, um nome sempre querido e respeitado por todos os que há boas dezenas de annos cultivavam os preparatórios em Viseu.

Já não cheguei a ser seu discípulo; mas a sua figura, simpática e attractiva, ficou para sempre gravada na minha retina.

Vej-o, como se fosse agora, ar-fatigado, passar no ar do da Sé a caminho do velho *Colégio*, um pouco curvado e como que aborrido nos mais intimos pensamentos. Atraz dele, o seu mais dedicado e fiel amigo: um pobre diaboito que nem nas aulas o deixava.

E se o dr. Simões Dias, neste lento decambalar, por vezes se detinha, era para acender o cigarro — outro companheiro inseparável — e estou a vê-lo a riscar essa maior simplicidade, na sola do sapato, um daqueles chamados *lumes-prontos* que a sua terra, a *Benfiteia*, ao tempo produzia. *Chicots* da infantil memoria são estes que o tempo não pode velar nem destruir!...

Contavam-me os seus discipulos de então — tão poucos devem ser hoje do número dos vivos — que *Simões Dias*, logo que chegava à sua aula, a de hierurgia, abandonava por completo aquella aparente melancolia que lhe víamos na rua.

Era outro inteiramente: parecia que entrava no seu natural elemento e poucos professores devem ter conhecido, como elle, a alma da juventude.

Pode dizer-se que *existencia sorrinda*, polvilhando sempre as preleções com frases de espirito e ditas duma graça inextinguível, que por vezes chegavam até nós, os mais pequenos.

E assim se explica que os alunos, que o ouviam atenciosamente, saturados do sr. bulhento e sauro das outras aulas, o adorassem, como adoravam, mais o respeitando do que a qualquer outro. E assim se explica o meu desgosto quando, no regresso dumas férias, via a saber que elle fora transferido para um liceu de Lisboa e... já não viria a ser meu professor.

Quero tambem, meu amigo, falar-lhe da minha agradável surpresa quando, ao abrir o seu jornal de 10 do corrente, deparei logo com o admirável desenho do sr. *Padre Nunes Pereira*, desenho este que vai ter lugar de destaque entre os outros, que guardo, do mesmo illustre autor, por se tratar da reprodução da vera effigie daquelle já tão me conhecido: *Fr. Feliciano de Jesus Maria*, que antes de tomar o habito de franciscano se chamou o *Dr. Cipriano de Almeida Freitas e Bulhões*, o juiz-santo de Porto de Mós, como ali lhe chamavam, quando juiz de fora.

É tambem com notável interesse, como é de supor, as considerações com que o sr. *Padre Nunes Pereira* acompanha o seu desenho — aparte as merecidas referencias ao meu obscuro nome — as repato luctuosas e interessantes. Logica mesmo seria a conclusão a que chego de que *Fr. Feliciano* devia ter nascido em 1670, se não estivesse errada a *promissa* donde partiu: a constante da legenda que acompanha o retrato.

Não. O pintor enganou-se ou foi enganado. *Fr. Feliciano* não tinha apenas 28 annos quando em 1664 tomou o habito, nem consequentemente 48 quando falleceu.

Deixemo-nos disfarçar que, quando há precisamente 3 annos, inicii a publicação dos meus artigos *Argamill* e os seus *santos* — por incentivo do nosso nunca esquecido *Dr. Dias Ferrão* — logo lhe dei o sub-titulo de *notas biographicas*, por mais me preocupar, então, a indicacão de livros e escriptores que destes santos varões fossem tratadas. Mas depois disso, outros elementos colhi, tanto sobre a vida de *Fr. Feliciano*, como sobre a canonizacão do santo prior *Coladouro*, o que, se a Deus aprouver, darei em breve a conhecer ao leitor. Não encontro aqui do documento relativo ao baptismo do *Dr. Cipriano de Bulhões*; mas por outros, bem dignos de credito, sou forçado a concluir que a

data do 4 de Outubro de 1665 — a que por certo foi apontada como do seu nascimento, pelo meticuloso cronista da *Real Provincia da Conçeição* — se não é a exacta, é a que mais se deve aproximar da verdade.

O doutor requerer no *Desembargo do Paço* as «provações» necessarias para o cargo de lettao, que exerceu, em Julho de 1693. Nascendo na data acima indicada, devia ter a este tempo a idade de 27 annos completos, pois só completaria os 28 em Outubro seguinte. Ora essa idade de 27 annos é justamente indicada por ele proprio, no processo respectivo, existente na Torre do Tombo. No mandado em que o *dr. João de Andrade Leitão*, Corregedor do Crime na Corte, ordena aos escriptores que digam o que dos cartórios couzar acerca do bacharel Cipriano, diz que este é de idade de vinte e sete annos, tudo segundo sua informacão.

Mas ainda outros documentos esse processo nos torcece — a que mais largamente me referirei em artigo proprio — pelos quais se vê que o *dr. Cipriano* não podia ter nascido em 1670, sendo evidente o erro da legenda em questào. De facto, se assim fosse, a sua formulação aos 24 annos devia datar de 1694 ou 1695.

Ora não só elle *nao* no *Desembargo* de 1693, como vimos, mas o que é mais: em 17 de Julho de 1691 já apresentava as suas cartas para *adquirir* no juizo das vilas de *Goes, Salvaterra e seu termo*, o que repetiu em *Argamill* em 2 de Agosto seguinte, como mostrarei.

Assim, o *Veneravel Fr. Feliciano*, a data da sua morte, em 13 de Março de 1715, devia contar 53 annos incompletos e não 48, como se lê no quadro.

E estes factos, meu amigo, que aponto já, para elucidacão do tão illustre e artistico collaborador do seu jornal, sr. *Padre Nunes Pereira*, delzando tambem consignado o meu agradecimento sincero pelas amáveis palavras que me dirige. Se algum merecimento tive, foi o de ter por qualquer forma contribuido para tirar do esquecimento a memoria de *Fr. Feliciano de Jesus Maria* — o fôsse do *dr. Cipriano de Bulhões* — um fillo de *Argamill*, a tantos fillos illustres.

E ao sr. *padre Nunes Pereira* em que estão devendo, porque bem valorizado agora fica o meu pequeno es-tudo com o seu admirável desenho.

Pela publicacão destas desenhadas linhas, bem grato lhe fica o seu amigo, etc. — *Augusto de Matos*.